

“LÉXICO, PURISMO, ESTILO – QUESTÕES QUEIROSIANAS”

Ana Luísa Vilela¹

1. Muito antes do famoso aforismo de Bernardo Soares, já Eça de Queirós lapidarmente sintetizava, em 1890, num texto programático para a *Revista de Portugal*: “na língua verdadeiramente reside a nacionalidade”. Aquele a quem poderíamos, como a poucos outros, chamar autor luso-brasileiro, prosseguia assim as suas reflexões:

Duas nações [Portugal e Brasil] que põem a sua ideia no mesmo Verbo formam para os supremos efeitos da civilização uma nação una. Na esfera das Letras tudo o que uma produz se torna logo pela língua comum a ambas, como aquisição, acréscimo da riqueza literária. Entre os fenómenos da vida social de cada uma a língua estabelece a mas subtil e forte solidariedade. E as próprias divergências de interesses têm, na língua em que são debatidos, uma secreta e íntima influência tendendo sempre a atenuar-lhes as asperezas, a fundi-los num todo de superior concórdia. (TI-VI 114-115)

Possa este primeiro Simpósio Mundial de Estudos sobre a Língua Portuguesa demonstrar a plena actualidade destas palavras e, em particular, nesta sessão que elege a Língua, em si própria, como um tema da representação literária.

2. O certo é que as reflexões metalinguísticas são relativamente raras em Eça. O texto que iremos aqui reler é uma carta – de remetente fictício mas, em todo o caso, uma carta. Para Eça de Queirós, através de Fradique Mendes, as cartas são “palestras escritas” - e, portanto, pode desenvolver, a certo passo, uma poética da análise epistolográfica, atenta aos dados pragmáticos e materiais (as datas, a grafia manual, a estilística grafológica, o tipo de papel usado). São planos em que, diz o autor, “tangivelmente se sente e se palpa o homem” (CFM 109-111). Nestas mistificadoras, heteronímicas cartas de Fradique Mendes, a *organicidade* de tais planos está definitivamente fora do nosso alcance – embora não deixemos de assinalar que a carta desempenha, exemplarmente, a melhor das formas de materialização da problemática *encarnação* literária de Fradique.

A carta “A E...” é a sexta, integrada no volume *Cartas Inéditas de Fradique Mendes e mais páginas Esquecidas* (CIFM 73-84). O seu título não é, de resto, o original. Ela dirigia-se, na verdade, a “Meu Caro P.”. O filho do escritor alterou o

¹ Universidade de Évora – Portugal.

destinatário (que aqui funciona como título), por ser óbvio que tal texto seria endereçado ao próprio autor, Eça de Queirós. Ernesto Guerra Da Cal atribui-lhe a data possível de 1885, talvez Junho (EGC 405). O autor nunca a publicou; o texto foi publicado postumamente, em 1929, em edição preparada pelo filho do escritor, que a resgatou do espólio do pai.

Analisemos, agora, as estruturas temático-argumentativa e simbólica deste texto tão curioso e, apesar de tudo, relativamente mal conhecido. O seu tema central é explícito: Fradique comenta aqui as acusações de que Eça de Queirós tinha sido recentemente alvo, por parte de Abel Botelho. Essas acusações referiam-se (aliás, sem grande ineditismo) ao estilo queirosiano e aos seus supostos vícios: a falta de vocabulário, a má construção sintáctica e o abuso dos galicismos (CIFM 78). Trata-se uma questão que durante décadas ocupou leitores e críticos: aquilo a que o filho do escritor, procurando, sem grande brilho e nenhuma necessidade, defender as qualidades literárias do pai, designava, em 1929, “a irritante questão da língua” (CIFM 13).

Através de Fradique, Eça vai, pois, aqui auto-defender-se; fá-lo de uma maneira, no mínimo, desconcertante - desancando, por sua vez, um terceiro: Camilo Castelo Branco. Esta polémica entre Eça e Camilo, como diz Carlos Reis, não chegou a haver, embora a peculiaríssima “guerrilha literária” entre os dois gigantes da literatura portuguesa oitocentista tenha sido recentemente objecto de um estudo específico de Campos Matos. Este autor, na esteira de Ernesto Guerra Da Cal, realça justamente o “marcado carácter polémico” (EGC 405) e a “crítica severa e caricatural, logo exagerada e ofensiva” dirigida a Camilo Castelo Branco (ACM 95).

A este propósito, devemos aqui notar, desde já, dois aspectos: Eça nunca publicou este texto; e, nesta carta, é tão reveladora a argumentação truculentamente apresentada, como aquela que é tacticamente omitida. Desde logo, o ponto de partida temático e circunstancial – as críticas de Abel Botelho – apenas parcialmente é abordado. De facto, para além da inicial, famosa e violenta caricatura da figura do purista, Eça, pela pena de Fradique, vai apenas tratar um dos aspectos que elegeu: a falta de vocabulário. Expeditamente, resolve o resto: “A construção francesa e os galicismos ficam para melhor ocasião” (CIFM 84).

Assim, temos, como os dois temas exclusivos da carta: a caricatura do purista; e a dissertação sobre riqueza e pobreza lexical. A questão do purista ocupa cerca de seis páginas; a questão do léxico (a propósito da qual Eça arrasa Camilo), outro tanto. Esta

paritária divisão da extensão textual define bem a equitativa importância de ambos os temas e a sua profunda correlação.

Estes dois sub-temas são acompanhados, evidentemente, pela enunciação de princípios valorativos. Por um lado, desenhando-se a caricatura da figura e das funções do purista, distingue-se entre o purista “antiquado” e o “moderno”. O antiquado (talvez Camilo) é uma relíquia caquética e suja; o moderno (Abel Botelho?) prima pela falsidade, hipocrisia e interesseirismo (CIFM 73-78). Por outro lado, assiste-se à centragem temática na questão da riqueza lexical e ao seu engenhoso desenvolvimento: contra Camilo, são referidos os exemplos positivos de Ramalho Ortigão e Oliveira Martins; é desenvolvido um ataque à “riqueza” lexical (CIFM 78-79), a propósito da qual se aduzem os exemplos das literaturas e da actualidade literária de Inglaterra e de França; é aprofundada a apologia da “pobreza” lexical (CIFM 79-81); finalmente, coroando a argumentação, é feita a caricatura da “riqueza” lexical (CIFM 82-84) e, simetricamente, o elogio de Garrett, outro “pobre de língua” (CIFM 84), a quem são atribuídas as virtuosas *secura*, simplicidade, sobriedade e profundidade.

A coerência da estrutura temática e axiológica deste texto encontra perfeita correspondência na sua estrutura simbólica e imagística. Rigorosamente dualista e antitética, desenvolve-se analogamente, neste texto, a construção simbólica de um imaginário sobre a literatura e os seus agentes. Essa construção simbólica assenta no recurso a imagens da materialidade física.

Por um lado, a alegoria do purista “antiquado” repousa sobre alusões materiais, icónicas e orgânicas: a figura monstruosa do “fiscal da língua” é como um fantasma que se ergue do passado, um “esgalgado e soturno defunto”, uma sombra de cabeleira sórdida e voz cavernosa, face chupada, capote de camelão, óculos na ponta do nariz - um nariz que é como um “bico de cegonha castiça”; cheira rapé, é imundo, tem mãos sebáceas e, enfim, está prontinho para o estudo científico da patologia social (CIFM 73-76). É um sobrevivente de outros tempos, como um mastodonte pré-histórico. Veríamos aqui uma caricatura particularmente maligna de Camilo, visto à luz ainda naturalista que banha Eça, em 1885?... É impossível afirmá-lo com segurança. O que se observa, na verdade, é a acumulação de traços compositivos do imaginário da abjecção, da obsolescência e da *sujidade* - trata-se da descrição de um morto-vivo, em decomposição, um ser incompatível com a realidade e o tempo da vida.

Já o purista “moderno” é mais requintado, é *un malin*, um manhoso. Como todos os homens modernos, é afrancesado mas, por mero interesse político, afecta patriotismo

e aponta galicismos nos outros – empregando, ele próprio, outros galicismos (CIFM 76-78).

Complementarmente, e por outro lado, logo a seguir no texto, a caracterização da prosa lexicalmente “rica” de Camilo (“o escritor de léxico abundante” – CIFM 83) constrói-se através de imagens igualmente fisiológicas, igualmente devedoras do viscoso imaginário da indiferenciação grotesca: “Camilo, com o verbo completo de uma raça na ponta da língua, hesita, tataranha, amontoa, retorce, embaralha e faz um pastel confuso” (CIFM 79) - ou, mais à frente, uma “pastelada balofa” (CIFM 84). A acção da opulência lexical é a de empastar, afogar, complicar (CIFM 82). Outras caricaturas da suposta “opulência do léxico” (CIFM 82) enumeram os atavios copiosos dessa linguagem “folhuda” (CIFM 83), abundante em enfeites, ornatos, adornos, franjas, lantejoulas e penduricalhos, como um cabide de sucata (CIFM 83). Isto é, surge, outra vez a imagem do inorgânico e do indiferenciado, do caótico, aqui com os traços da plétora, do excesso, da proliferação anárquica. Trata-se, ainda, da noção primária do *sujo*.

Em contraponto, a caracterização da prosa lexicalmente “pobre” - como a de Garrett, outro “pelintra do verbo” (CIFM 84) - prima pelas características apolíneas da luminosidade, da energia e da *limpeza*: elegância simples, graça, força, profundidade, pureza, finura, lucidez, clareza, sobriedade, segura, frugalidade (CIFM 80-84). A tradicional analogia com a pintura reforça esta caracterização: as palavras, como as cores, são “valores” cuja essencialidade vive do seu específico peso semântico e dispensa a profusão exibicionista. Fradique chega mesmo a exclamar: “- Bem-aventurados os pobres de léxico, porque deles é o reino da glória” (CIFM 79). Efectivamente, cabe-lhes a glória dos clássicos.

A apologia da escassez de vocabulário (uma apologia obviamente auto-defensiva) compõe, portanto, o outro termo na antinomia entre duas imagens fortemente contratantes: a do *excesso* e a da *depuração*. Isto é: para caracterizar duas opções estilísticas, duas poéticas, este texto queirosiano serve-se, pois, da oposição entre imagens de teor orgânico e material, organizadas em torno do eixo de diferenciação mais primário: o *limpo* e o *sujo*, ou, talvez melhor, a *pureza* e a *impureza*.

Começando por satirizar o purista, revela-se Eça, afinal – um purista? Talvez - mas um purista em outro sentido, de natureza estética e imaginária, talvez bem mais profundo e amplo do que o lexical...

3. Efectivamente, essa *poética imaginária* - a poética da depuração, da frugalidade e da simplicidade - parece começar a esboçar-se em Eça desde os finais da década de 1880 e irá actualizar-se na própria ficção do autor, progressivamente mais preocupada com a profundidade e amplidão dos seus temas e com a valorização de aspectos de teor mais universal, clássico, essencial e simbólico: aspectos como os do humanismo, da consciência, da santidade, da felicidade social e humana, da identidade individual e nacional.

Talvez seja por isso que Fradique, alegadamente, não tem “ocasião” para consolar o próprio Eça dos estrangeirismos de que o acusam. Talvez o autor tivesse, ele próprio, alguma dificuldade em os justificar. O certo é que esse assunto omitido pode obliquamente reaparecer, através da defesa fradiquiana do vernaculismo.

Afinal, não é Fradique que ridiculariza a cultura portuguesa, afirmando que ela mais não faz do que “traduzir” a cultura francesa - em calão? Não é Fradique que, segundo o próprio autor, ama o povo “pela sua linguagem tão bronca e pobre, mas a única em Portugal onde se não sente odiosamente a influência do lamartinianismo ou das sebatas do Direito Público” (CFM 84)? Não é Fradique quem desaconselha um amigo de aprender espanhol, visto que, segundo ele, “Um homem só deve falar, com impecável segurança e pureza, a língua da sua terra – em todas as outras deve falar mal, orgulhosamente mal (...)” (CFM 130)?

A questão central que tem de enunciar-se, a propósito destas ambíguas, espinhosas questões queirosianas sobre léxico e purismo linguístico, é, afinal, esta: constituirão estas afirmações, no fundo, veladas auto-críticas do próprio Eça de Queirós, pelo viés de Fradique?...

Referências Bibliográficas

1. Activas (obras de Eça de Queirós):

CIFM - (s./d.). *Cartas Inéditas de Fradique Mendes e mais Páginas Esquecidas* (ed. de José Maria de Eça de Queirós). Porto: Lello.

CFM - (s./d.). *A Correspondência de Fradique Mendes* (fixação do texto e notas de Helena Cidade Moura). Lisboa: Livros do Brasil.

TI-VI – (1995). *Textos de Imprensa VI (da Revista de Portugal)* (ed. de Maria Helena Santana). Lisboa: IN-CM.

TI-V - (2002). *Textos de Imprensa V (da Gazeta de Notícias)* (ed. de Elza Miné e Neuma Cavalcante). Lisboa: IN-CM.

2. Passivas:

CAL, Ernesto Guerra da (1975). *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz. Apêndice* (tomo 1º). Coimbra: Por Ordem da Universidade.

MATOS, Alfredo Campos (2008). *A Guerrilha Literária. Eça de Queiroz, Camilo Castelo Branco*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira.

REIS, Carlos (1980). “Camilo e Eça ou a polémica a haver” in DÍOS, Ángel Marcos de (ed.). *Camilo Castelo Branco. Perspectivas*. Salamanca: Universidade de Salamanca. 153-162.